

Nota sobre a comunicação das línguas por ocasião da entrega a Gastão Cruz do Prémio de Tradução Literária da Casa da América Latina pela sua tradução da antologia poética Troco a Minha Vida por Candeeiros Velhos de León de Greiff

Não é todos os dias que um poeta maior como Gastão Cruz traduz extensamente, fazendo-a ingressar na poesia de língua portuguesa, a voz tão peculiar de um poeta de outra língua, como o colombiano León de Greiff. E não é também demasiado frequente termos a sorte de encontrar um poeta, ainda que maior, que consiga levar a cabo a tarefa à partida impossível de, como queria esse outro poeta latino-americano que foi Octavio Paz, "escrever o mesmo poema noutra língua": porque, com efeito, é isso que a tradução de Gastão Cruz faz, cumprindo plenamente a exigência que ele próprio formula no breve escrito "Traduzir Poesia" em que apresenta a sua versão portuguesa de De Greiff. Com efeito, para nos servirmos dos seus próprios termos, poderíamos dizer que cada "poema recriado através da tradução" que Gastão nos propõe logra singularmente "funcionar como um poema autêntico na língua de chegada" – isto é, como um "poema original" na "língua (...) em que (...) agora se apresenta". Creio que tanto seria mais do que suficiente para validar o juízo em que o júri – Francisco Belard, Isabel Araújo Branco e eu próprio – se baseou para atribuir o Prémio de Tradução Literária da Casa da América Latina a Gastão Cruz e à sua tradução da antologia de De Greiff, *Troco a Minha Vida por Candeeiros Velhos*.

Está, evidentemente, fora do alcance da minha competência e no tempo de que disponho, procurar ainda que sumariamente apresentar aqui a obra poética de León de Greiff – pelo que remeto para o que sobre ela escreve Jerónimo Pizarro, no seu prefácio a esta antologia bilingue do poeta colombiano

que o seu filho Hjalmar de Greiff organizou – e está também fora de causa ceder aqui à tentação de falar mais longamente do modo como, na poesia de Gastão Cruz, o trabalho do som e do sentido, devolvendo a carne à palavra que esta entretanto transfigura e ilumina, reitera esse despertar da potência de metamorfose que é o corpo-a-corpo dos humanos com o mundo, do qual a linguagem nasce e que em cada poema se repete – esse despertar através do qual, mas também pelo qual atravessados, e nas palavras do próprio poeta, "*Acordamos enquanto a / manhã lança / das paredes do céu raízes brancas*".

Mas, tendo de renunciar por agora à reflexão que a leitura destes dois poetas e a poética de cada um deles solicitam, gostaria de sublinhar por um instante ainda a dimensão poética que é o fundo – ou o sem-fundo – da tarefa do tradutor. Talvez uma maneira menos má de o fazer seja indicar como a tradução nos leva a reconsiderar o mito de Babel, para além da maldição que lhe é correntemente associada.

É que, mais do que somente mito ou metáfora da dispersão ou divisão das línguas, podemos descobrir, ao mesmo tempo, no episódio de Babel o ponto de partida de uma outra narrativa, o ponto de partida de uma outra interrogação da invenção da linguagem – desse momento súbito, como queria Lévi-Strauss, em que, do corpo-a-corpo de um grupo humano com a paisagem de que é parte, se dá a metamorfose que cria essa forma ontológica nova que é a palavra, com a sua potência de significação indefinida, a sua posição, produção e exigência de sentido: a palavra cuja emergência na paisagem transforma a natureza, o teor, a própria "substância" desse corpo-a-corpo de onde vem – ou seja, a natureza, o teor e a própria "substância" da paisagem em que tem lugar o seu acontecimento.

Assim entendido, o episódio de Babel mostrar-nos-ia que a potência de metamorfose que a linguagem faz ser no real – ou que a palavra faz ser no ser – é ao mesmo tempo a potência de multiplicidade ou multiplicação indefinida das línguas – ou, por outras palavras, que a invenção da linguagem é multilingue, indefinidamente multilingue em si própria, e que, por isso, no núcleo metafórico e metamórfico mais fundo e denso da singularidade de cada língua, pulsa esse multilinguismo, essa potência de multiplicidade ou multiplicação, que torna impossível, sem condenação à morte da própria linguagem, a sua codificação exaustiva, o seu ensimesmamento identitário, a fixação e a resolução especulares e sem resto do seu acontecimento e da sua história. Do mesmo modo, a necessidade da tradução que se faz sentir entre as línguas – devido a essa sua multiplicidade ou multiplicação que, a esta luz, o episódio de Babel nos mostra confundir-se com a própria criação ou invenção da linguagem – é, ao mesmo tempo, uma necessidade ou exigência interna de cada língua singular na qual, através de um corpo-a-corpo primeiro dos humanos com a paisagem de que são parte, a linguagem nasce e transforma essa paisagem. Trata-se de uma necessidade ou exigência interna que cada língua, enquanto invenção da linguagem, partilha com todas as outras e a abre a todas as outras, pois que a criação singular que distingue cada língua de todas as outras é obra dessa potência de metamorfose ontológica comum que faz com que cada uma delas seja parte inteira da criação da linguagem – e que faz também com que, ao traduzir-se a si própria, recriando-se e repetindo a criação radical dessa metamorfose ontológica que é a invenção da linguagem, cada língua possa, persistindo na sua história singular, traduzir outras e traduzir-se noutras.

Assim, condensando em extremo, podemos dizer talvez que, se cada "poema original" recria ou repete de certo modo a criação da sua própria língua, a tradução desse poema noutra língua repete, ao recriar a língua de chegada que a tradução ao mesmo tempo preserva e transforma, a própria invenção da linguagem que em cada língua singularmente se consoma. Tal é a poética da tradução que, como querem Gastão Cruz e Octavio Paz, escreve o mesmo poema noutra língua e, assim, continua e renova a invenção da linguagem através da comunicação das línguas que opera, abrindo à estranheza mais íntima de outra língua a intimidade mais singular – e o desconhecido primeiro e último – do sem-fundo da sua própria língua.

Miguel Serras Pereira

Casa da América Latina, Lisboa, 19 de Junho de 2015